

Festival de Teatro Negro da UFMG: ações de extensão para uma educação antirracista

*UFMG Black Theater Festival: Extension Actions for
Anti-racist Education*

*Festival de Teatro Negro de la UFMG: acciones de
extensión para la educación antirracista*

Denise Araújo Pedron

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: dpedron@ufmg.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1173-6550>

Rogério Lopes da Silva Paulino

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: turogerlop@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4529-0772>

Marcos Antônio Alexandre

Universidade Federal de Minas Gerais

E-mail: marcosxandre@yahoo.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6441-307X>

RESUMO

Este artigo faz um recorte de algumas ações de extensão promovidas pelo Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais (TU/UFMG), com enfoque no Festival de Teatro Negro (FETNE) e sua contribuição no processo de formação dos estudantes, ao apresentar obras com temáticas negras e afrorreferenciadas. Nessa perspectiva, entende-se que as atividades de extensão podem auxiliar na diversificação de pressupostos pedagógicos e na elaboração de uma política cultural para a universidade que valorize nossas heranças afro-brasileiras, sistematicamente apagadas pelo processo de colonização. Além disso, procura-se evidenciar como o contexto de elaboração do programa de

PEDRON, Denise Araújo; PAULINO, Rogério Lopes da Silva; ALEXANDRE, Marcos Antônio.

Festival de Teatro Negro da UFMG: ações de extensão para uma educação antirracista.

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 15, n. 33, jan. 2025

ISSN: 2238-2046. Disponível em: < <https://doi.org/10.35699/2238-2046.2025.53462> >

extensão *TU-70 anos: por uma escola antirracista* favoreceu a criação de possibilidades de curricularização das ações de extensão propostas nas duas edições do FETNE.

Palavras-chave: *educação antirracista; extensão; Festival de Teatro; Teatro Negro.*

ABSTRACT

This article highlights some extension actions promoted by the University Theater of the Federal University of Minas Gerais (TU/UFMG), focusing on the Black Theater Festival (FETNE) and its contribution to the student training process by presenting works with black and afro-referenced themes. In this perspective, it is understood that extension activities can help the diversification of pedagogical assumptions and the elaboration of a cultural policy for the university that values our Afro-Brazilian heritages, systematically erased by the colonization process. Furthermore, we seek to highlight how the context of elaboration of the extension program *TU-70 years: for an anti-racist school* favored the creation of possibilities for curricularization of extension actions proposed in the two editions of FETNE.

Keywords: *anti-racist education; extension; Theater Festival; Black Theater.*

RESUMEN

Este artículo destaca algunas acciones de extensión promovidas por el Teatro Universitario de la Universidad Federal de Minas Gerais (TU/UFMG), centrándose en el Festival de Teatro Negro (FETNE) y su contribución al proceso de formación de estudiantes mediante la presentación de obras con temática negra y afro referenciadas. Desde esta perspectiva, se entiende que las actividades de extensión pueden ayudar en la diversificación de los aportes pedagógicos y en la elaboración de una política cultural para la universidad que valore nuestras herencias afrobrasileñas, sistemáticamente borradas por el proceso de colonización. Además, buscamos resaltar cómo el contexto de elaboración del programa de extensión *TU-70 años: por una escuela antirracista* favoreció la creación de posibilidades de curricularización de las acciones de extensión propuestas en las dos ediciones de FETNE.

Palabras clave: *educación antirracista; extensión; Festival de Teatro; Teatro Negro.*

Data de submissão: 19/07/2024
Data de aprovação: 19/09/2024

Introdução

O ensino e a pesquisa prática no campo das artes da cena têm, por natureza, forte apelo extensista, uma vez que boa parte dos resultados e dos processos de criação, nesse campo, dependem necessariamente do contato com o público para se efetivarem enquanto tais. Isso faz com que, frequentemente, os cursos da área de artes cênicas tenham atividades realizadas nas dependências da universidade ou mesmo nos diversos espaços culturais e logradouros públicos da cidade, direcionadas para uma população que, além de ter contato com obras artísticas, passa a conhecer um pouco da produção da universidade nesta área, tendo importante papel na formação de plateias, além representar uma possibilidade primordial para a aprendizado e aprimoramento dos futuros artistas que são formados pela universidade.

Pré-requisito fundamental na formação do artista cênico, o contato com o público tem, portanto, um papel importante ao favorecer a experimentação de relações variadas com diferentes plateias. Para além das obras centradas em técnicas de improvisação, que se baseiam na interação constante entre público e *performers* (mesmo em um espetáculo com uma estrutura cênica fechada) nem sempre será possível cumprir-la exatamente da mesma maneira em todas as apresentações, pois os *performers* são afetados pela forma como cada plateia reage ao que está sendo apresentado, seja pela temática, seja pela forma como ela é apresentada – ou mesmo a quem está apresentando. Cientes disso, nossa intenção, neste artigo, é fazer um recorte específico de algumas ações de extensão da área de artes da cena promovidas pelo Teatro Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais (TU/UFMG), com enfoque no Festival de Teatro Negro (FETNE) e sua contribuição para o processo de formação dos estudantes e seu impacto na comunidade em geral, ao apresentar obras com temáticas negras e afrorreferenciadas, protagonizadas por pessoas negras.

A escolha de abordar esse festival tem a ver com a relevância do seu recorte temático, que, ao enfocar o Teatro Negro, contribui para tratar das questões étnico-raciais, da valorização da cultura afro-brasileira e do combate ao racismo. Esses temas, apesar de constarem na Lei 10639/03, nem sempre estão devidamente previstos nos conteúdos das disciplinas dos cursos da universidade. Nesse sentido, um evento de extensão universitária, como o FETNE, que, além das apresentações, oferece diversas outras atividades, como lançamentos de livros, palestras, oficinas e bate-papos, tem potencial para preencher as lacunas na abordagem da temática étnico-racial, além de se apre-

sentar como uma alternativa importante à lógica de valorização excessiva dos conteúdos formais e dos cânones científicos e artísticos, proporcionando outros espaços e meios de aprendizagem mais transversais e auxiliando, ainda, a explicitar, para a comunidade em geral, o quanto a universidade está engajada na causa antirracista.

Em nossa perspectiva analítica, procuramos entender como as atividades de extensão podem auxiliar na diversificação de pressupostos pedagógicos e na elaboração de uma política cultural para a universidade, que valorize nossas heranças afro-brasileiras, sistematicamente apagadas pelo processo de colonização. Iniciaremos nossa reflexão explicitando uma caracterização do contexto que levou à criação de um festival de teatro negro dentro da universidade, refletindo um pouco sobre a maneira como essa temática vem sendo abordada no ambiente universitário.

Por uma escola antirracista

A criação do Teatro Universitário (TU) remonta ao ano de 1952, sendo, a escola, uma das pioneiras no ensino de teatro, em Minas Gerais e no Brasil. Nestes 70 anos de atividades, o TU foi responsável por formar boa parte dos profissionais do teatro em Minas Gerais. Atualmente, o TU oferece o Curso Técnico de Nível Médio em Teatro, o único curso técnico da UFMG voltado para o campo das artes e humanidades. Com as políticas de ações afirmativas, que começaram a ser implantadas na década passada, ocorreu uma mudança significativa no perfil do corpo discente da escola, que passou a contar com o aumento expressivo de estudantes negros e negras. Isso gerou um consequente aumento de demandas para que a presença desses corpos negros fosse reconhecida e que as heranças da cultura africana fossem mais valorizadas nos processos criativos desenvolvidos na escola, a partir da diversificação das referências teóricas/práticas, antes majoritariamente eurocentradas.

Essa mudança no corpo discente também tornou necessária a busca por atividades que explicitem um combate às diversas formas de racismo que se manifestam na sociedade brasileira e que acabam refletindo dentro da escola. Foi nesse contexto que o festival foi criado em 2020, por meio de um programa de extensão do Teatro Universitário, que tinha como objetivo promover a inte-

ração entre a comunidade universitária (da área de artes), discentes e docentes, com artistas e pesquisadores com atuação propositiva na sociedade, e público em geral, chamado *TU – Arte e sociedade*.

Após a primeira edição do festival e levando em conta a crescente demanda do corpo discente para que as questões étnico-raciais fossem cada vez mais abordadas na escola, a gestão 2021/2022 do TU resolveu propor a criação de um novo programa de extensão, *TU – 70 anos – por uma escola antirracista*, que verticalizasse essa temática, com atividades previstas para serem executadas em um período de quatro anos. A intenção do programa é aperfeiçoar a qualidade e promover a visibilidade dos processos extensionistas de criação desenvolvidos no TU, mas também estabelecer o compromisso de realizar ações de combate ao racismo e o fortalecimento da cultura afro-brasileira dentro da escola e para além dela. Trata-se de uma iniciativa que não pretende apenas promover eventos para comemoração do aniversário de 70 anos da escola, mas sim rever o passado de práticas racistas, outrora adotadas na escola, como o uso do *blackface*, dentre outras,¹ procurando suprir as lacunas de perspectivas afrorreferenciadas nas atividades criativas realizadas pela escola, como preconiza a Lei 10639/03, além de servir como um propulsor de ações que fortaleçam a dimensão extensionista e antirracista da escola.

O referido programa também se encontra alinhado às ações da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis especificamente voltadas à promoção da igualdade racial dentro e fora do ambiente escolar. Além disso, a natureza extensionista das atividades propostas nos diversos projetos que compõem o programa está também alinhada com a atual política de arte e cultura da UFMG, que acabou de criar, no ano de 2022, uma Pró-Reitoria de Cultura. Consideramos fundamental apontar, a partir da perspectiva institucional, que o conceito de extensão, conforme consta no art. 56, do Regimento Geral da UFMG, *in verbis*, destaca que: “a extensão é processo educativo, cultural e científico, articulado com o ensino e a pesquisa de forma indissociável e tem por objetivo ampliar a relação entre a Universidade e a sociedade” (Universidade Federal de Minas Gerais, 2022, n.p.). Observamos, ainda, que o inc. III, do art. 4º, da Resolução nº 01/2020, do Conselho Universitário, dispõe que são consideradas atividades de extensão “aqueelas que envolvam processos educativos, artísticos, culturais e científicos que, de forma articulada com o ensino e a pesquisa, tenham por objetivo ampliar a relação da UFMG com a sociedade” (Conselho Universitário da Universidade Federal de Minas

Gerais, 2020, p. 2). Já o art. 43, da Lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB), quando dispõe sobre as finalidades da Educação Superior, traz, em seu inc. VII, o que seria a linhamestra do conceito de extensão, que visa “à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição” (Brasil, 1996, n.p.).

É importante destacar que, enquanto esse novo programa voltado para uma escola antirracista estava sendo elaborado, o TU estava paralelamente elaborando uma nova proposta pedagógica, que, a partir da reforma curricular aprovada em 2023, procurou integrar

os direitos humanos, valorizando a pluralidade étnica, racial, de gênero, de diversidade sexual, bem como a dimensão sócio ambiental e sua multi relação contextual; a justiça social, a saúde e o trabalho, [enfatizando assim], a criação de estratégias democráticas; a interação entre as culturas no intuito de trabalhar para a superação do racismo e das diversas formas de discriminação e injustiça social (Universidade Federal de Minas Gerais, 2023, p. 6).

Entre outras inovações, a reforma do Projeto político pedagógico (PPC) permitiu a criação de dois eixos de disciplinas, o de *Relações étnico-raciais e cultura afro-brasileira* e o de *Relações de gênero e diversidade sexual*. A reforma permitiu também incluir a possibilidade de curricularização da extensão ao permitir que até 60 horas de disciplinas possam ser compensadas com atividades de ensino, pesquisa e extensão, desde que tenham temáticas pertinentes aos estudos teatrais. Dessas, até 30 horas poderão ser compensadas por meio de apreciação de espetáculos, performances ou realização de oficinas e cursos em instituições culturais e artísticas externas.

Esse programa também contribui para a preparação profissional dos alunos formados pelo TU, levando-os a ter experiências sustentadas por práticas de extensão oferecidas pela escola em situações que se aproximam daquelas em que eles viverão no mercado de trabalho após formados. Parece estar implícita na filosofia que norteou a elaboração deste programa, uma necessidade de reconhecer o papel do TU em oferecer diretamente uma formação artística e crítica aos seus alunos e, indiretamente, contribuir para a formação de plateias com um olhar mais sensível para a apreciação estética da arte em seus diversos níveis, com enfoque nas questões antirracistas. Favorecendo, assim, a construção de uma universidade inserida no contexto social, aproximando-a daqueles que a sustentam, criando vínculos solidários entre todos os participantes pela via da inclusão social e artística.

É importante que o aluno, enquanto sujeito inserido nesse universo da imaginação criadora, proporcionado pelo teatro, seja capaz de estabelecer conexões com a comunidade em que a UFMG está inserida, por meio de atividades de extensão, como as previstas neste programa. Isso certamente contribui para a formação do ator e seu senso de cidadania, bem como amplia o nível de ação da universidade junto a outros setores da sociedade. Ressalta-se que um dos principais desafios das políticas públicas para cultura é a ampliação do acesso aos produtos artísticos e culturais de qualidade para toda a população.

A metodologia de execução do programa prevê que as ações sejam executadas por projetos propostos por professores do TU em conjunto com professores parceiros de outras unidades e oriundos de cursos de graduação, como Teatro, Letras, Arquitetura etc., envolvendo estudantes de diferentes níveis de formação em interação com a comunidade. Para exemplificar esses projetos, poderíamos citar, além das edições do FETNE, que abordaremos com mais detalhes a seguir, os projetos *Teatro no ar* e *Barracão*.

O *Teatro no ar*, coordenado pela professora Helena Mauro, propôs a produção da temporada *Quebrada no ar*, exibida pela Rádio UFMG Educativa, cuja temática parte da vivência de estudantes com as culturas negras e da periferia da cidade, oferecendo visibilidade aos artistas periféricos e a participação dos estudantes negros na pesquisa em extensão dentro da universidade, além de combater o racismo na instituição. Já o *Barracão*, proposto pelo Grupo de Pesquisa Cenografia e Outras Práticas Espaciais Cênico Performáticas, que constitui o núcleo de pesquisa em cenografia da UFMG, coordenado pelos professores Tereza Bruzzi, Eduardo Andrade e Cristiano Cesarino, tem desenvolvido diversas atividades, entre elas a visualidade da montagem do espetáculo *Sortilégio*, de Abdias Nascimento, promovida pelo Museu Inhotim, em homenagem ao Teatro Experimental do Negro.

Um panorama das edições do Festival de Teatro Negro da UFMG

As poéticas negras já demonstraram a que vieram. Não é novidade que os temas que nos congregam como sujeitos negros têm sido discutidos em produções espetaculares contemporâneas realizadas nos diversos espaços, em todo território brasileiro. Parece ter sido a partir dessa premissa que o FETNE surgiu, buscando incentivar a produção de trabalhos de perspectivas negras

e, ao mesmo tempo, trazer para à discussão a multiplicidade de temas que integram e atravessam as poéticas e as subjetividades negras. Por meio de chamada pública direcionada à comunidade da universidade, a cada nova edição de ocorrência bienal, a equipe curadora seleciona trabalhos que possuem a temática negra como principal elemento e que foram criados por estudantes negros de cursos de nível técnico, superior e de pós-graduação da universidade. Essa chamada ampla possibilita também contemplar a produção artística teatral negra nos diversos níveis formativos e nos mais diversos cursos da universidade, demonstrando que a arte preta é potente e sua produção não está limitada apenas aos cursos da área de Artes.

A primeira edição do festival foi promovida no contexto pandêmico, em 2020, em caráter completamente digital nas redes sociais e, por isso, recebia a denominação de Festival de Teatro Negro Online da UFMG, denominação que foi alterada para as edições seguintes, que passaram a ser presenciais. Além de um importante veículo de divulgação da produção artística negra da universidade para a comunidade, o evento cumpriu o papel de auxiliar financeiramente os estudantes, ainda que de maneira modesta, por meio da concessão de bolsas de auxílio pela participação no festival, em um momento em que a maior parte dos discentes da universidade enfrentavam sérios problemas financeiros para se manterem, em função da pandemia. Essa situação se agravou ainda mais entre os estudantes negros, por historicamente pertencerem às camadas socioeconômicas inferiores da população brasileira. Segundo Guilherme Diniz:

Lidar com a pluralidade plástica, formal e temática do teatro negro é assumir não apenas a multiplicidade dos processos culturais e performáticos afrodispóricos (elementos também integrantes de muitas composições cênicas), mas também a diversidade da própria condição sócio-histórica do povo negro no Brasil (Diniz, 2021, p. 61).

Este mesmo autor, em uma resenha crítica sobre as obras que compunham a grade de programação da primeira edição do festival, aponta a relevância do evento que, segundo ele, constituiu-se em um “caleidoscópio artístico, por meio do qual foi possível perceber um vasto horizonte de experimentações e de perspectivas político-ideológicas que constituem esta imensidão chamada de Teatro Negro, sem esgotá-lo” (Diniz, 2021, p. 62). Na primeira edição, foram apresentados, no

Canal do *YouTube* da instituição, cenas ou performances curtas de até 20 minutos e espetáculos de 40 e, no máximo, 90 minutos de duração. Destaca-se que alguns desses ainda se encontram disponíveis no *Youtube* da escola.²

Em termos numéricos, destacamos:

- Inscritos no edital de seleção: 20 (vinte) inscrições de estudantes-artistas;
- Peças selecionadas: 3 (três) peças selecionadas;
- Cenas curtas selecionadas: 12 (doze) cenas curtas selecionadas;
- Textos publicados: 5 (cinco) textos publicados;
- Atividade formativa: 1 (uma) oficina;
- Público participante da oficina: 55 (cinquenta e cinco);
- Público alcançado em geral: aproximadamente 100 (cem) leituras dos textos publicados na plataforma Issuu, aproximadamente 2700 (duas mil e setecentas) visualizações no canal de *YouTube* da instituição e aproximadamente 8 (oito) horas de conteúdo.

Em termos qualitativos, é importante destacar que, além da produção artística apresentada pelos estudantes da UFMG, observamos que houve a participação de profissionais de destaque das artes da cena nacional e internacional. *Pele negra, máscaras brancas*, da Cia. de teatro da UFBA – Universidade Federal da Bahia, foi o espetáculo de abertura da referida edição, em função da sua relevância. Dirigido por Fernanda Júlia Barbosa (Onisajé), já foi assistido desde a sua estreia, em 2019, por milhares de pessoas. Outro espetáculo convidado foi o da premiada Cia. Fusion de Dança de Belo Horizonte, *Pai contra mãe*. A artista Castiel Vitorino Brasileiro, um dos nomes mais importantes das artes visuais contemporâneas do Brasil e do pensamento anticolonial com obras na Bienal de Artes de São Paulo, de 2023, e no Inhotim, criou a performance *Eu não entendo*, a pedido do festival. Foram realizadas, ainda, a oficina “Planos de fuga como imaginação: estudando o pensamento radical negro” – ministrada pela artista Musa Matiuzzi, também de grande expressão naci-

onal e internacional. As publicações do festival reuniram pesquisadores e dramaturgos igualmente importantes da cena contemporânea, como Danielle Anatório, Allan da Rosa, Cristiane Sobral e Dione Carlos.

A segunda edição do festival foi realizada em 2022, já de forma presencial, contando, da mesma maneira que a anterior, com chamada pública direcionada à comunidade da universidade, para selecionar trabalhos que tivessem a temática negra como principal elemento e que fossem criados por estudantes negros de cursos dos diversos níveis do ensino universitário. O festival contou com atividades gratuitas e abertas ao público em geral e não apenas à comunidade universitária. Em dez dias de programação, foram apresentadas cenas curtas, performances e espetáculos de maneira presencial em diferentes espaços do Campus Pampulha, como no TU, na EBA e no Restaurante Setorial, além de apresentações na FUNARTE. Diferentemente da primeira edição, que foi *online*, essa teve apenas uma mostra de vídeos no canal do YouTube da instituição, que trazia os resultados da disciplina Africanidades e a Cidade do PPG-ARTES/EBA, com criações dos estudantes de mestrado e doutorado.

Em termos numéricos, destacamos:

- Inscritos no edital de seleção: 30 (trinta) inscrições de estudantes-artistas;
- Peças selecionadas: 3 (três) peças selecionadas;
- Cenas curtas selecionadas: 12 (doze) cenas curtas selecionadas;
- Espetáculos convidados: 2 (dois);
- Atividades formativas: 1 (uma) oficina; 1 (uma) roda de dança; 1 (uma) palestra; lançamento de 3 (três) livros e 1 (um) blog; 1 (uma) mostra de vídeos;
- Público participante da oficina: 25 (vinte e cinco);
- Público participantes das atividades em geral: 1000 (um mil) pessoas, aproximadamente.

Observamos que a ênfase dada às atividades formativas na edição presencial vem ao encontro do que foi apontado por Ana Flávia Machado *et al.* (2016, p. 340). Segundo as autoras:

a formação de público, pelo ponto de vista das políticas públicas para a cultura e a educação, deve ser analisada a partir das possibilidades criadas para democratizar o acesso do cidadão aos bens e serviços culturais, o que não significa apenas a oferta de eventos ou a entrada em espaços gratuitos ou subsidiados, mas que também deve ser vista a partir de um processo de educação formal [...], que proporcione ao cidadão o acesso ao conhecimento. E é esse domínio mínimo dos códigos culturais que pode garantir o direito de escolha sobre o desejo de frequentar, ou não, ambientes culturais e, consequentemente, de fazer parte de seus hábitos cotidianos.

Assim como na primeira edição, observamos a presença de artistas convidados com relevância no cenário nacional das artes, como a atriz Cyda Moreno, que apresentou, na abertura do festival, o premiado espetáculo *Eu amarelo: Carolina Maria de Jesus*, baseado na obra *Quarto de despejo: diário de uma favelada*; e o dramaturgo Anderson Feliciano, que ministrou uma oficina. Ambas as edições contaram com curadores de renome na cena teatral mineira e nacional, filiados a diferentes campos da produção cênica negra, como Aline Vila Real, que foi curadora e diretora artística em duas edições do FAN (Festival de Arte Negra de Belo Horizonte), Soraya Martins, que foi curadora do FIT (Festival Internacional de Teatro de Belo Horizonte, em 2018 e 2024) e Denilson Tourinho, idealizador do Prêmio Leda Maria Martins de Teatro Negro, que também é doutorando na FAE/UFMG.

As duas edições do festival serviram para revelar que existe um número expressivo de estudantes negros na UFMG, nos mais diferentes níveis e cursos da universidade, que desempenham papel de destaque no cenário cultural da cidade. Nesse sentido, o festival se apresenta como uma maneira de visibilizar, em conjunto, toda essa produção de artistas negros, tanto em termos individuais quanto de grupos de diferentes gerações. A participação de coletivos artísticos da cidade foi possível, pois a chamada de seleção trazia como exigência que a ficha técnica dos trabalhos tivesse pelo menos 50% de estudantes da UFMG. Isso ampliou a possibilidade de diálogo da universidade com a comunidade, ao trazer coletivos importantes para a cidade, como o Teatro Negro e Atitude e o Morro Encena.

Este panorama sobre as últimas edições do FETNE nos permite afirmar que o festival, enquanto ação de caráter extensionista e, à princípio, emergencial, uma vez que a primeira edição foi realizada durante a pandemia de Covid 19, foi pensado como forma de valorizar “a ancestralidade como sabedoria pluriversal ressemantizada por essas populações em diáspora” que “emerge como um dos principais elementos que substanciam a invenção e a defesa da vida” (Rufino, 2019, p. 15). Foi

possível perceber que a organização do festival, com essa temática e objetivo de dar visibilidade e reconhecimento à produção de teatro negro na universidade e na cidade, foi também uma forma de defender a vida nesses tempos pandêmicos. Entendemos, como Munanga (2020), que as comunidades identitárias se constroem a partir de vivências e referências culturais comuns, não podendo ser definidas apenas pela raça, entendida como conceito que opera, não de maneira biológica, mas social e política, sendo de extrema importância na construção da identidade cultural os fatores históricos, linguísticos e psicológicos.

No contexto pandêmico, pareceu-nos que a realização do festival de maneira *on-line* foi uma forma de contribuir para que as pesquisas e trabalhos realizados pelos estudantes encontrassem espaços novos para circulação e divulgação. No contexto pós-pandêmico, a realização do festival de maneira presencial significou o fortalecimento e a manutenção de uma política cultural que vai ao encontro das discussões sobre negritude e afirmação das identidades negras, tão presentes hoje em nossa sociedade.

Reverberações de um evento de extensão nos componentes curriculares da escola

Passaremos, nesta seção, a realizar uma análise dos possíveis impactos do festival em relação às atividades de ensino e pesquisa desenvolvidas na escola, principalmente levando em conta o novo PPC do Teatro Universitário. Inicialmente, percebemos que toda a programação proposta pelo festival estabeleceu diferentes tipos de diálogos com as atividades curriculares da escola, não só surpreendo um conteúdo que ainda é pouco ministrado nas disciplinas do núcleo estruturante, como também servindo de base para algumas disciplinas do núcleo complementar que, principalmente com a reforma do curso, permitiu a inclusão de conteúdos ligados aos teatros negros, com toda a sua pluralidade cênica, dramatúrgica e estética.³ Percebemos que a realização desse evento de extensão permitiu, por exemplo, que os estudantes tivessem contato direto com muitos dos autores e criadores presentes nas edições do festival que constam nas ementas de disciplinas como Teatro Brasileiro, Teatro Negro no Brasil, Máscaras e Mascarados nas Tradições Performáticas Afro-brasileiras. Além disso, os espetáculos apresentados reverberaram em debates realizados em sala de aula, aumentando o acesso dos alunos e do público em geral a uma produção cênica de qualidade, uma vez que todas as apresentações eram gratuitas.

Os trabalhos cênicos apresentados pelos estudantes na programação do festival, por meio de chamada de seleção, também serviram para impulsionar diálogos que enriqueceram e diversificaram as práticas pedagógicas nas disciplinas práticas de atuação do núcleo estruturante do currículo, favorecendo a experimentação e criação cênica desses estudantes para além das propostas das disciplinas curriculares. As oficinas oferecidas ao público em geral também tinham vagas reservadas para estudantes da UFMG, permitindo uma complementação dos conteúdos trabalhados em sala, ao apresentar epistemologias que partem de perspectivas afrorreferenciadas e que puderam ser apresentados como compensação de créditos, caso houvesse interesse dos estudantes. Por outro lado, as oficinas também possibilitaram que os estudantes tivessem acesso a outras abordagens estéticas e didáticas diferenciadas de temas e conteúdos discutidos na grade curricular do curso.

Como apontamos no início deste artigo, a proposição do FETNE surge em paralelo a outras iniciativas do TU de descolonizar o currículo e abordar questões étnico-raciais na formação dos atores, que culminou com a inclusão dos eixos de relações étnico raciais e de gênero dentro do núcleo complementar do curso, quando da reforma curricular aprovada em 2022. Porém, por mais que a inserção desses eixos seja um avanço, uma vez que os estudantes precisam fazer, ao menos, duas optativas de cada um deles para se formar, as ementas das disciplinas do núcleo estruturante, corpo, voz, interpretação, teoria teatral e produção, continuam ainda bastante eurocentradas, fora algumas exceções. Assim, foi para verificar até que ponto uma ação de extensão teria potencial para dialogar com os componentes curriculares de formação universitária em Artes Cênicas e ainda ser integrada ao currículo, que a organização do festival de 2022 argumentou, junto à coordenação pedagógica, que seria importante que houvesse, na programação do festival, um espetáculo de Teatro Negro, criado especificamente para esse fim, dentro das disciplinas oferecidas naquele semestre.

Contudo, para ser considerado um espetáculo de Teatro Negro, uma das questões centrais é o protagonismo de pessoas negras na equipe técnica e artística, e as turmas da escola ainda possuem um predomínio de estudantes brancos – quando muito, consegue-se chegar a, no máximo, 50%, mesmo com as políticas de cotas. Entre outros motivos dessa disparidade racial na composição do corpo discente está a dificuldade de os estudantes negros permanecerem na

universidade. Então, para alcançar o protagonismo negro no espetáculo que se pretendia criar para o festival, foi excepcionalmente permitido que estudantes negros que estavam no segundo ano cursassem a disciplina de interpretação daquele semestre com os alunos do terceiro ano da escola, uma vez que houve o entendimento de que os conteúdos técnicos dessas disciplinas eram comparáveis. Foi esta estratégia que garantiu que se formasse um coletivo majoritariamente negro e que fosse realizada uma ação de integração direta entre prática de ensino e extensão.

Além disso, para compor a ficha técnica do espetáculo, foram selecionados bolsistas de monitoria de graduação e pós-graduação em chamadas de seleção para ações afirmativas que valorizavam pesquisas voltadas para o Teatro Negro e elementos da cultura afro-brasileira. Assim, durante todo o semestre, a disciplina de interpretação, que normalmente encontra-se centrada em epistemologias europeias, foi toda construída com referências afro-brasileiras, desde a preparação vocal, corporal e de atuação à direção musical e à visualidade do espetáculo, para além da abordagem da temática do racismo, que está fortemente presente no texto escolhido para a realização da montagem cênica. Nesse sentido, a proposta da disciplina procurava estar alinhada com que observa Evani Tavares Lima sobre a questão da representatividade, segundo a qual:

A valorização negra no palco e o reclame por uma maior representatividade de atores e personagens negros nos palcos, na dramaturgia, mesmo no cinema e televisão, não devem prescindir de projeto artístico que lhe dê sustentação. E não apenas primar pelo aumento do quantitativo, mas pela substancialidade do trabalho. A preocupação com essa excelência, talvez, possa ajudar não somente a abrir, mas a dar seguimento aos caminhos (Lima, 2010, p. 137).

O resultado deste processo foi a montagem de *Além do rio*, um texto de Agostinho Olavo, que está na coletânea *Drama para negros prólogos para brancos*, de Abdias do Nascimento (1961). Trata-se de uma releitura da tragédia de *Medeia* para o período colonial brasileiro. O espetáculo estreou dentro da programação do FETNE na Funarte, que fica localizada no centro de Belo Horizonte e, depois, foi apresentado no Festival Estudantil de Teatro de BH e no Novembro Negro da UFMG, tendo sido agraciado na Categoria Palco em Negro de melhor espetáculo de longa duração do ano de 2022 pelo importante Prêmio Leda Maria Martins.⁴ Esse processo de montagem cênica foi caracterizado pelos elementos que, segundo Alexandra Dumas,

personalizam o cenário brasileiro das artes cênicas negras: 1) a presença de artistas negros e negras na equipe de realização do espetáculo; 2) engajamento cênico-discursivo associado ao ativismo voltado para causas do povo negro; 3) cenas embasadas em poéticas, éticas e estéticas africanas e/ou afro-diaspóricas (Dumas, 2020, p. 95).

Essa experiência, que acabou sendo impulsionada por uma ação de extensão, teve outras reverberações na escola, com os estudantes que participaram solicitando que houvesse, em outros processos criativos, mais abordagens afrorreferenciadas, uma vez que se sentiam mais bem acolhidos e identificados com os materiais trabalhados. No ano seguinte, pelo menos dois processos das disciplinas estruturantes do currículo foram abordados a partir de uma perspectiva afrorreferenciada, sendo uma disciplina de interpretação, que trabalhou com o texto de Aldri Anunciação (2020), *Namíbia não!*, e a montagem do espetáculo de teatro negro, *Um pé de nós*, que trouxe a estética do samba para pensar o problema das ocupações de vilas e favelas em BH e que ficou em cartaz na Funarte, no centro da cidade. Com dramaturgia dos próprios estudantes, o trabalho também contou com uma ficha técnica majoritariamente negra, com a diferença que agora não se tratava de um projeto especial, como foi a montagem de *Além do rio*, mas de um dos espetáculos de formatura dos estudantes da escola.

Isso significou que, durante todo aquele semestre, não só uma disciplina, mas todas as disciplinas da turma de formandos trabalharam no entorno dessa temática que culminou na criação de um espetáculo apresentado ao público. Assim, pudemos perceber como o FETNE contribuiu para alcançar o que Moacir Gadotti (2017) aponta como importante no processo de curricularização da extensão, que seria:

incorporar nos currículos a lógica da extensão que possibilita o diálogo entre os saberes e conhecimentos disciplinares dos cursos universitários e as questões mais amplas que permeiam a sociedade. [...] A extensão aproxima o aluno das demandas da sociedade, fortalecendo sua formação cidadã (Gadotti, 2017, p. 10).

Na direção de uma formação cidadã, outro elemento comum observado nas ações extensionistas do festival foi a preocupação em abordar a temática do racismo, que, em alguns momentos, foi realizada verticalmente, como na palestra da professora Julianna Rosa de Souza sobre sua tese de doutorado, *O teatro negro e as dinâmicas do racismo no campo teatral*. A vinda dessa pesquisadora de Santa Catarina para o festival teve o importante papel de não só apresentar ao público em geral

os processos racistas presentes nas artes da cena, como também chamar a atenção dos estudantes presentes que o racismo pode e deve também se converter em temas de estudo para o campo das artes, mesmo que não seja ainda uma tarefa fácil, como apontou a pesquisadora. Para ela, o problema é que a academia tende a pensar as produções negras como panfletárias, demasiadamente identitárias e essencialistas, argumentos que a autora rebate da seguinte maneira: "por que os autores brancos não são interrogados sobre sua identidade racial ao escrever textos teatrais? Percebi que o racismo, nesse sentido, apresenta um jogo paradoxal em que os negros são racializados e os brancos universalizados" (Souza, 2021, p. 28).

Segundo na mesma direção dos questionamentos de Souza, ao fazer uma análise crítica do FETNE, Diniz aponta que:

Sendo assim, no contexto universitário, este festival perfaz uma agudíssima provocação: até quando os saberes, linguagens e reflexões cênicas da negrura serão excluídos ou apequenados por este modelo acadêmico colonial? Por que a dimensão histórica e estética do Teatro Negro no Brasil é descartável no processo de formação de atores-pesquisadores? Existiria um teatro universal? O Festival de Teatro Negro On-line da UFMG é não apenas uma potente reação ao "epistemicídio" racista que desconsidera, nos próprios processos, dinâmicas e currículos acadêmicos, as teatralidades e performatividades negras, como poética e pensamento, mas também é um reconhecimento da produção cênica dos discentes negros e negras, valorizando e estimulando suas elaborações artísticas (Diniz, 2021, p. 62).

O epistemicídio, como aponta Sueli Carneiro (2023), é uma espécie de sub-dispositivo de racialidade que opera no Brasil, dentre outras formas, naturalizando, no âmbito da educação, as desigualdades raciais. Um exemplo bastante evidente de como esse dispositivo tem efeito de poder em nossa sociedade é a manutenção de um quadro de professores majoritariamente branco dentro da maioria das universidades brasileiras. Parece que foi em uma tentativa de contrapor esta realidade que um dos lemas adotados para a segunda edição do festival foi a campanha *Por + professores negros no teatro*, viabilizada por diferentes meios. Um deles foi a veiculação de falas com teor de denúncia do racismo presente no quadro docente da universidade de maneira geral, tanto nos *releases* e nas entrevistas para imprensa como no discurso de abertura do festival. Além disso, foi criado uma espécie de carimbo com o título da campanha que foi veiculado em todas as peças de divulgação, bem como foram instaladas faixas nos espaços de realização das atividades do festival com frases alusivas à prática do racismo.

Esta campanha se soma a outras iniciativas de estudantes e de órgãos colegiados da universidade para tentar reverter esse quadro. Afinal, como é possível conceber que o Teatro Universitário, uma escola técnica de teatro com mais de 70 anos, tivesse apenas um professor negro efetivo, apesar de estar situada em um dos estados com maior população de pessoas pardas e pretas da federação? No curso de licenciatura em Teatro da mesma universidade, depois de muita luta dos estudantes, de ações como a do festival e do ministério público instar a universidade a cumprir a lei de cotas para concursos públicos, foram contratados recentemente dois professores negros como efetivos. Há, ainda, uma expectativa que, em breve, o mesmo aconteça no curso técnico do Teatro Universitário.

Para além de sanar esse quadro de ausência de professores negros é também urgente o reconhecimento do papel dos técnicos administrativos em educação nesse processo de combate ao racismo na instituição, uma vez que muitos deles são pessoas negras e, também, fortemente afetados pelo racismo institucional. Foi no sentido de valorizar a sua contribuição que a coordenação da segunda edição do FETNE resolveu homenagear a servidora Lúcia Aparecida de Oliveira Pinto, técnica administrativa com uma trajetória de vida toda dedicada à educação na UFMG, à luta pelos direitos dos técnicos administrativos e à causa negra. Em seu discurso na abertura do festival, a servidora apontou que:

A indicação e a homenagem ultrapassam no meu entendimento a consideração e afeto, ela fortalece o sentimento de pertencimento [...] Desde meu ingresso na UFMG (1993) sempre atuei como incentivadora das lutas por uma universidade pública e igualitária, legado deixado por minha mãe - Maria do Carmo de Oliveira Silva -, técnica em enfermagem no Hospital das Clínicas. Militante do movimento negro faleceu em 11 de setembro de 2020 aos 78 anos, vítima da covid 19.⁵

Por fim, uma das ações de combate ao racismo realizadas pelo festival foi o lançamento do vídeo *Dói na pele*, realizado como resultado de um processo de iniciação científica pelo estudante Hyu Oliveira Guimarães.⁶ O vídeo trouxe depoimentos de estudantes negros e negras da escola sobre suas vivências no ambiente universitário. Parte das falas desses estudantes foram transformadas em faixas, que foram afixadas no exterior do Teatro Universitário no Campus da Pampulha e na área externa da FUNARTE, no centro da cidade, compondo a cenografia do espetáculo *Além do rio*, que já fora citado aqui. Essa ação nos parece emblemática por articular ensino, pesquisa e extensão no

combate ao racismo, uma vez que o vídeo foi resultado de um projeto de pesquisa, que serviu para compor a cenografia de um espetáculo criado no processo de ensino de uma disciplina e foi exibido no festival de teatro negro.

Considerações: por um espaço universitário diverso e inclusivo!

Todas estas experiências, sejam as vivenciadas no festival, sejam aquelas para as quais acreditamos que ele contribuiu para que acontecessem na escola, evidenciaram como a valorização e a aceitação da herança africana faz parte do processo de resgate de uma subjetividade que é também coletiva. Isso auxilia os estudantes a reconstruir positivamente essa identidade ao olhar para a história ancestral e, ao mesmo tempo, reivindicar o direito à sua cultura, à sua cor e ao seu corpo, entendido como “sede material de todos os aspectos da identidade” (Munanga, 2020, p. 19). Observamos, ainda, que a professora e intelectual Leda Maria Martins (2021) afirma a importância da construção de outro tipo de paradigma de pensamento fundado nas corporeidades africanas. Entre os diversos conceitos cunhados por Martins, estão a *oralitura*, que aproxima a construção literária e o saber de transmissão oral, e a noção de *tempo espiralar*, que desafia a linearidade da relação causal na abordagem dos fenômenos numa perspectiva afrorreferenciada. A UFMG, ao realizar um festival que valoriza a criação artística focada no corpo (nas corporalidades) e na(s) subjetividade(s), contribui com a valorização de parâmetros outros de construção de saber: o saber praticado e o saber em performance, podendo contribuir para que essas epistemologias sejam cada vez mais levadas em conta nos percursos curriculares da área de artes.

Entendemos que esse deslocamento paradigmático vem sendo realizado tanto por agentes do movimento negro, quanto por intelectuais como bell hooks, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Kabengele Munanga, Silvio de Almeida, dentre tantos outros, e que a criação e realização de um festival como esse possa ter efeito de difusão dessas discussões, promovendo a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano, em geral.

A partir de uma perspectiva de intercâmbio entre a comunidade universitária e os artistas e pesquisadores da cidade e do Brasil, o festival se constitui como um importante evento, que tem caráter tanto cultural quanto pedagógico, pois, como observamos, as artes negras no campo das práticas e teorias teatrais ainda são poucos estudadas e divulgadas nas universidades brasileiras. A cada ano,

contudo, à medida que o número de discentes negros aumentam, em função das políticas afirmativas praticadas pela universidade, há mais de vinte anos, aumenta também o interesse dos estudantes e público em geral sobre a temática do teatro negro, uma vez que muitos não se veem representados, como sujeitos negros, nas discussões do teatro tradicional. Assim, surge a necessidade de abrir espaços para uma arte que seja articulada, de fato, de forma mais inclusiva, contemplando criações cênicas e dramatúrgicas com perspectivas negrocentradas e com estéticas textuais e performativas potentes. Dessa maneira, percebemos que a realização das duas edições do Festival de Teatro Negro da UFMG se pautou pela abertura ao diálogo e discussão sobre o tema, possibilitando a interação entre estudantes, professores, pesquisadores, técnicos administrativos e artistas negros.

Como ponto comum à negritude ou às identidades negras, Munanga aponta não a cor da pele, mas “o fato de terem sido na história vítimas das piores tentativas de desumanização e de terem sido suas culturas não apenas objeto de políticas sistemáticas de destruição, mas, mais do que isso, de ter sido simplesmente negada a existência dessas culturas” (Munanga, 2020, p. 19). Sendo assim, a ação cultural extensionista proposta é uma ação que afirma a existência desses estudantes negros na universidade e a importância de suas criações artísticas em meio à comunidade universitária e também junto à cidade.

Além disso, entendemos que, tanto no âmbito universitário, quanto para além desse, festivais e eventos especiais têm assumido importância na política cultural para comunidades locais, marcando atitudes de identificação e pertencimento de grupos sociais. Muitas comunidades pelo mundo afora têm se beneficiado desse movimento e tal repercussão vem legitimando estudos teóricos e empíricos sobre o tema, como aponta Bernadette Quinn (2013). Quando se trata da questão racial no Brasil, em que negros e povos originários foram e ainda são sistematicamente discriminados e excluídos, criar possibilidades de reconhecimento mútuo e de valorização dessas identidades torna-se fundamental, como afirma Carneiro (2023, p. 313):

A negação da identidade negra - para a qual a miscigenação é um operador - implica, no plano político, destituir o negro da condição de participante de um grupo de interesse no qual seja reconhecido: é uma estratégia de controle e anulação do sujeito político. É em relação a esses danos que a educação escolar e familiar em geral se omite, silencia, nega, permitindo a sua perpetuação e comprometendo a autonomia das pessoas negras.

O FETNE é uma iniciativa extensionista focada nas artes da cena que se soma a outras iniciativas do tipo e permite justamente esse reconhecer-se como participante de um grupo de interesse por parte dos estudantes negros, dando voz e fortalecendo ações de resistência e organização coletivas no sentido do quilombismo defendido por Abdias do Nascimento. Algumas dessas iniciativas são mais recentes, como a Mostra Amapá Afro Cênico – o primeiro festival de teatro negro do Amapá – promovido pelo curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Amapá (Unifap), que teve sua primeira edição em 2024. A proposição de escrita deste artigo nos parece ter o papel relevante de auxiliar na divulgação de iniciativas como essas, que têm o potencial de estimular a criação de outros eventos similares nas universidades. Segundo Carneiro (2023, p. 116), é fundamental, “a despeito das dificuldades impostas pela própria dinâmica das instituições universitárias, a necessidade de constituição de espaços institucionais próprios que possam referenciar e apoiar a trajetória das pessoas negras”. Fora da universidade, temos outras iniciativas criadas há mais tempo, como a segundaPRETA de Belo Horizonte que, por sua vez, foi inspirada na Terça Preta de Salvador e que gerou outros dias pretos pelo Brasil. O Melanina Acentuada Festival de Salvador é outro exemplo, que realizou a sua sexta edição em 2024. São todos exemplos de eventos focados nas artes da cena.

Acreditamos que este festival, enquanto ação bienal pautada em uma perspectiva sociointeracionista, tem potencial para seguir buscando a promoção das relações entre ensino, pesquisa e extensão, além de trazer a reciprocidade aos processos de ensino-aprendizagem. Neste artigo, procuramos demonstrar como a realização dessas duas edições do FETNE tiveram como propósito a realização de ações que puderam contribuir para a construção de um espaço universitário inclusivo, atento às discussões contemporâneas da arte e da cultura, que se insere socialmente na comunidade da cidade e com ela busca dialogar, interconectando educação e cultura, como políticas de resistência e inclusão social. Procuramos evidenciar também como a reforma do PPC do Teatro Universitário, no contexto do Programa *TU – 70 anos: por uma escola antirracista*, favoreceu a criação de possibilidades diretas ou indiretas de curricularização das ações de extensão proposta nas duas edições do FETNE.

Diante das inúmeras violências pelas quais ainda passam nossos irmãos e irmãs pretas, advindas das mais diferentes formas de racismo presentes em nossa sociedade, é com alegria que soubemos que a terceira edição do FETNE esteve prevista para o mês de novembro de 2024. A manutenção de um festival como esse nos parece demandar muita coragem, força e espírito de luta na articulação entre professores, técnicos-administrativos e, principalmente, estudantes pretos, para que consigam continuar celebrando o empretecimento da produção artística em dança, teatro e performance realizada nesta universidade, em busca de reforçar, cada vez mais, a importância de um ambiente acadêmico que seja, de fato, plural e antirracista.

REFERÊNCIAS

ANUNCIAÇÃO, Aldri. **Trilogia do confinamento:** Namíbia não! Embarque imediato, o campo de batalha. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 15/07/2024.

CARMO, Tereza Pereira. do; PAULINO, Rogério Lopes. da Silva.; RODRIGUES, Cristiano Cezarino. Uma Medeia Negra no Teatro Universitário da UFMG: experimentos antirracistas em uma disciplina de interpretação teatral. In: Reunião Científica da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, 2022. **Anais eletrônicos**. Rio Branco: ABRACE, 2023. p. 1081-1096. Disponível em: <https://portalabrace.org/novo2022/ebooks/artes-cenicas-na-amazonia-saberes-tradicionais-fazeres-contemporaneos>. Acesso em: 17 jul. 2024.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

DINIZ, Guilherme. Negruras virtuais: telas pretas futurando poéticas. In: ALEXANDRE, Marcos. **PAULINO, Rogério Lopes da Silva.**; PEDRON, Denise Araújo. (Org.). **Teatro Negro UFMG arte na pandemia**. Belo Horizonte: Viva Voz Editora, 2021. P. 59-85.

DUMAS, Alexandra Gouvea. Peles negras de uma cena teatral: processo construtivo de uma peça negrorreferenciada. **Rascunhos**, Uberlândia, v. 7, n. 1, p. 94-109, jun. 2020.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê?** São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2017.

LIMA, Evani Tavares. **Um olhar sobre o teatro negro do Teatro Experimental do Negro e do Bando de Teatro Olodum.** 2010. Tese (Doutorado em Artes) –Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

MACHADO, Ana Flávia.; PAGLIOTO, Bárbara Freitas; CUNHA, Maria Helena. O acesso de alunos de escolas públicas ao circuito liberdade: análise de um projeto piloto. **Educação em Revista**, v. 32, p. 317-347, 2016.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo, Ática, 2020.

OLAVO, Agostinho. Além do rio (Medea). In: NASCIMENTO, Abdias (Org.). **Dramas para negros e prólogo para brancos**: antologia de teatro negro brasileiro. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961. P. 199-231.

QUINN, Bernadette. Arts festivals, urban tourism and cultural policy. In: **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, 2: 3, 264-279, 2010. Disponível em:<https://doi.org/10.1080/19407963.2010.512207>.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SOUZA, Julianna Rosa de. **O teatro negro e as dinâmicas do racismo no campo teatral**. São Paulo: Hucitec Editora, 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Pró Reitoria de Planejamento. **Resolução no. 01/2020**, de 05 de março de 2020. Disponível em:

https://www.ufmg.br/proplan/wp-content/uploads/2022/08/Resolucao-01_2020-Cons.-Univ.-de-05-de-marco-de-2020-Equipe.pdf. Acesso em 15/07/2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Secretaria dos Órgãos de Deliberação Superior. **Regimento Geral. Resolução Complementar n.03/2022**, de 10 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www2.ufmg.br/sods/Sods/Sobre-a-UFMG/Regimento-Geral>. Acesso em 15/07/2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Projeto político pedagógico do curso técnico de nível médio em teatro do Teatro Universitário**. Belo Horizonte: UFMG, 2023.

NOTAS

-
- 1 A profa. Dra. Tereza Pereira do Carmo, da UFBA, abordou essa temática em sua pesquisa de Pós-doutorado, desenvolvida na EBA/UFMG sob o título: *A recepção clássica em Ifigênia de Ouro Preto e Além do Rio no Teatro Universitário da UFMG*, que tem publicação prevista com o mesmo título para o segundo semestre de 2024.
 - 2 Os vídeos se encontram disponíveis em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLnjx2thyYygndgbzyYY43v9ZY2IFD-5m>.
 - 3 O núcleo estruturante é formado por um conjunto de disciplinas obrigatórias que perfazem 85% da carga horária total do curso e abordam os princípios fundamentais da prática teatral. O núcleo complementar corresponde a 15% da carga horária total do curso e compreende um conjunto de disciplinas optativas.
 - 4 Para saber mais sobre esta montagem cênica conferir (Carmo *et al.*, 2023), que aborda experimentos antirracistas na criação teatral.
 - 5 Trecho retirado da fala proferida pela profissional durante cerimônia de abertura da segunda edição do FETNE no Teatro Universitário da UFMG, no dia 24 de agosto de 2022.
 - 6 O vídeo pode ser assistido em: <https://www.youtube.com/watch?v=AtG0ER-00io>.